

17jun/
/O2out/16

MUSEU DE ANGRA DO HEROÍSMO
SALA DO CAPÍTULO



exposição/ fotografia

LISBOA
PEQUIM
LISBOA

Pepe Brix



A REPORTAGEM DA VIAGEM

Desde que a minha participação na expedição passou a ser uma certeza, que me apercebi do quão difícil seria voltar a Portugal, dois meses e 26500 Km depois, e em tão poucas imagens, conseguir trazer a público o verdadeiro sentido desta aventura. Embora me parecesse definida a temática do trabalho, foi tão vasto o caminho e tão densa a viagem, que durante a edição do trabalho, qualquer bloco de fotografias me pareceu sempre injusto.

Qualquer que seja o veículo, o destino, ou a força que move o viajante, há um silêncio que se abre quando o ponto de origem fica para trás. Nesse silêncio, moram todos os sonhos, os encontros experimentados e a sabedoria colhida dos seres que nos inspiram, e que subtilmente nos moldam o espírito e nos impelem ao desejo da evolução. Mais importante do que fotografar uma moto expedição, era conseguir incutir nessas fotografias a energia que cada um de nós debitou na viagem e a forma como cada experiência actuou em cada um.

Por mais coeso que um grupo seja, cada elemento acaba por remeter-se à sua própria viagem. Cada um deles sonhou com a aventura à proporção das sementes que colheu na vida e daquilo em que acredita. Cada um desenhou as suas expectativas, projectando no grupo ambições diferentes, moldando-o e tornando-o sempre mais interessante, mesmo quando a temperatura subia por se estimarem verdades diferentes. Na viagem, a única coisa relativamente previsível é o percurso a fazer. Tudo o resto é outra estrada aberta. E é tão bonita a forma como os dias nascem e partem tão cheios de dúvidas.

Para trás, ficaram dezenas de pessoas que marcaram a viagem, pela forma como acreditaram nela ou como fizeram questão de fazer parte desta, tornando-a inquestionavelmente mais rica. Dezenas de cidades, centenas de vilas, aldeias e acampamentos foram rompidos e deixados para trás. Daí bebemos o que de melhor havia para beber. Em cada quarto espelhado ou poeirento que descobríamos para descansar o corpo, depositávamos largos períodos de reflexão sobre o âmago dos dias que passavam. Só assim o novo dia podia romper sem que no cair o sentíssemos em vão. Dia após dia, experimentámos de tão perto quanto possível as linhas com que a natureza coseu a sua poderosa geologia e, enquanto avançávamos, sentimos que se transformava devagar a forma como o homem se moldou para viver adaptado aos lugares que ocupa.

Em viagem, alguém me pediu por telemóvel que lhe contasse numa frase o que estava a sentir. Eu respondi-lhe: "O planeta é um ninho de amor latente, cheio de gente boa, capaz de encher qualquer ser vivo de esperança e alegria". A viagem pode bem transcrever o excerto de uma música dos Beatles "in the end the love you take is equal to the love you make".

Tudo nesta expedição nos mostrou sempre que é mais importante a viagem do que qualquer destino proposto. O caso mais evidente foi aquele em que ao chegarmos à fronteira entre o Quirguistão e a China a entrada com as motos nos foi negada. As autoridades conduziram-nos até à cidade chinesa mais próxima da fronteira e tivemos de lá ficar, durante quatro dias, até percebermos que não havia mesmo alternativa senão voltar atrás. Depois de voltarmos para o Quirguistão, a televisão dava-nos a notícia: um atentado terrorista tinha ceifado a vida a dezenas de pessoas e outras tantas tinham sido presas na cidade de Kashgar. A cidade onde estaríamos no sábado do atentado se as autoridades nos tivessem deixado passar. Perdemos a conta às vezes em que, durante a viagem, acontecimentos inesperados nos conduziram sublimemente para rumos significativamente diferentes. Por várias vezes, tivemos de nos separar forçosamente e reencontrar mais à frente. Noutras situações, fizemo-lo até por opção. Por vezes, as viagens dentro da viagem têm que tomar tempo e espaços diferentes, para que se salvaguardem os elos mais profundos.



exposição/ fotografia

LISBOA PEQUIM LISBOA

Pepe Brix

17jun/ 02out/16

SOBRE PEPE BRIX

A vontade de otimizar o poder de comunicação que uma fotografia pode ter, tem sido um dos maiores impulsionadores para todas as buscas na minha vida. A sede de contornar os maiores condicionalismos do pensamento, e de o expandir através da sabedoria dos que nasceram e vivem em realidades expressivamente diferentes, impele-me sempre ao desejo da viagem. Cada uma dessas viagens é por sua vez uma peça fundamental, na perpétua construção de uma percepção mais clara do mundo que nos rodeia e da capacidade que o Homem tem de se manter ligado ao planeta. O polimento dessa percepção é também uma parte importante do caminho paralelo do autoconhecimento e da capacidade apaziguadora de nos compreendermos uns aos outros.

A fotografia e a viagem foram sempre indissociáveis nos projectos até aqui realizados. Depois de "rumores para a transparência do silêncio", que nos leva a viajar pela poesia urbana do indivíduo, nas grandes cidades da Europa; de "Inti Raymi", que nos pede para reflectir sobre a transformação das civilizações sul americanas, levada a cabo pela sede de poder do homem; de "ensaio sobre o comprimento do silêncio", que nos convida a fazer um reset à percepção da nossa cadeia de necessidades e a ponderar as entrelinhas da metafísica, num subcontinente focado nos poderes da introspecção; e de "Código Postal: A2053N", que nos leva a experienciar e a valorizar a dura vida a bordo dos bacalhoeiros portugueses, "Lisboa Pequim Lisboa" surge num contexto bem diferente de todos estes projectos. Se os outros surgiram, por minha iniciativa, do desejo de seguir viagem e encher a mochila de histórias para partilhar, este por sua vez nasceu de um sonho de outrem. Um sonho sustentado por uma paixão pelas motos e que nos levou a atravessar meio mundo de moto. Embora bastante fora dos padrões documentais que estiveram na base da maioria dos projectos anteriores, a ideia de documentar uma viagem que atravessaria meio mundo de moto, era irrecusável.

A mesma catapulta que me tem atirado para viagem, foi também o motor que levou o Hélder Serôdio, o Pedro Roque e o Nuno Pires a planear esta expedição. No caso deles, a aliar-se a essa vontade de expansão, de conhecer o mundo e crescer com ele, está a paixão pelas motos.

A concretização desse ambicioso trajecto no período de tempo proposto, exigiu um planeamento cuidado e uma luta burocrática que se arrastou durante meses. Foram 19 os países cruzados e para a grande maioria destes era exigido um visto de entrada.



Pepe Brix

exposição/ fotografia

LISBOA PEQUIM LISBOA

produção: MUSEU DE ANGRA DO HEROÍSMO/2016

edição: SREC/DRAC/MAH

coordenação: JORGE A. PAULUS BRUNO

realização: FRANCISCO P. LIMA

textos e fotografia: PEPE BRIX (O autor não escreve segundo o novo acordo ortográfico)

conceção e execução gráfica: BIZEX PROJETOS

isbn: 978-972-647-320-6



Governo dos Açores

SECRETARIA REGIONAL DA EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA
Direção Regional da Cultura

Museu de Angra do Heroísmo



BIOGRAFIA/ Pepe Brix nasceu em 1984 na ilha de Santa Maria, nos Açores. Filho e neto de fotógrafos, iniciou bem cedo a sua actividade e durante os últimos anos tem percorrido o mundo a fotografar. Europa, Perú, Equador, Índia e Nepal foram algumas das expedições, posteriormente convertidas em exposições fotográficas, que circularam pelo seu país natal. Destas viagens surgiu ainda a publicação de dois livros em co-autoria com Daniel Gonçalves, "rumores para a transparência do silêncio" e "ensaio sobre o comprimento do silêncio".

Mais recentemente, Pepe esteve embarcado num dos 13 sobreviventes da frota portuguesa de pesca do bacalhau, nos mares bravios do Atlântico noroeste. O trabalho fotográfico "Código Postal: A2053N" é uma homenagem aos últimos heróis portugueses de pesca longínqua, publicada na edição de fevereiro de 2015 da National Geographic Portugal e mais tarde em livro, integrando a celebração dos 30 anos da empresa Riberlves.

Entre Maio e Junho de 2015, o fotógrafo retomou a estrada para fazer a reportagem integral da expedição Lisboa-Pequim-Lisboa, um viagem de mota em que atravessou meio mundo e de que trouxe mil histórias na bagagem para contar.

Mais uma vez debruçado sobre os assuntos do mar, Pepe esteve recentemente na Islândia a recolher imagens para o seu novo documentário fotográfico "For Cod's Sake", que nos dará a conhecer a história de uma nação que cresceu com a pesca responsável da espécie que mudou o mundo: o Bacalhau do Atlântico.



museu de angra do heroísmo

Ladeira de São Francisco
9701-875 Angra do Heroísmo

Tel. (351) 295 240 800/2

Fax. (351) 295 240 817/8

museu.angra.info@azores.gov.pt

<http://museu-angra.azores.gov.pt/>

Horário (período de Verão)

Terça-feira a domingo e em

dias feriados: 10h00 às 17h30

Acesso para deficientes

